

G20
FAVELAS

COMMUNIQUÉ





G20 FAVELAS



FRENTE PARLAMENTAR EM DEFESA DAS FAVELAS
E RESPEITO À CIDADANIA DOS SEUS MORADORES



THE LONDON SCHOOL
OF ECONOMICS AND
POLITICAL SCIENCE ■



unesco

Preâmbulo

Mais de um bilhão de pessoas vivem em favelas e assentamentos informais em todo o mundo (UN-Habitat 2022). No Brasil, as favelas são o lar de cerca de 17,1 milhões de pessoas, que vivem em mais de 5 milhões de domicílios distribuídos em mais de 13,1 mil favelas (Data Favela, 2022; IBGE, 2020). A rápida urbanização, o planejamento ineficaz e a falta de habitação acessível são os principais fatores desses números, especialmente no Sul Global. Se a tendência atual não for revertida, o futuro das cidades será marcado pelo que a ONU-HABITAT chama de “megafavelas”, locais onde os moradores experimentarão múltiplas privações que impedirão a mobilidade socioeconômica e um futuro urbano melhor. A falta de infraestrutura e serviços urbanos básicos, incluindo o acesso à água e ao saneamento, continua impulsionando a pobreza multidimensional nas favelas, afetando especialmente mulheres e crianças. Além de todos esses fatores, os moradores das favelas enfrentam desemprego, insegurança alimentar, saúde precária, violência, risco de despejo e estigmatização.

As favelas são espaços urbanos compostos por camadas múltiplas e contraditórias, ao mesmo tempo expostas e ocultas por uma topografia complexa e divisões sociais acentuadas, nas quais o estigma e a discriminação continuam desempenhando um papel central. As distâncias entre pessoas e espaços são enormes e atuam em muitos âmbitos. As desigualdades sociais são vastas e, apesar do progresso, os indicadores continuam contando uma história em que morte precoce por homicídio, baixa renda, saúde precária e educação incompleta têm um endereço claro na cidade. Viver em uma favela é um fator que determina negativamente trajetórias de vida, no Brasil e no mundo.

Nesse contexto, o Brasil testemunhou o surgimento de novos grupos organizados de moradores de favelas e suas organizações de base. Organizações como a Central Única das Favelas (CUFA) desempenharam um papel único ao abraçar um novo tipo de protagonismo que resiste à estigmatização e combate a marginalização, tornando visível o potencial das favelas. As lições e direções que essas organizações oferecem merecem atenção, pois a eficácia dessas vozes deriva da cultura, da identidade e da experiência vivida das comunidades que representam e das quais fazem parte. Elas desafiam governos, formuladores de políticas públicas e a sociedade em geral a reconhecerem seus territórios como contribuintes poderosos e necessários em todos os esforços para gerar um desenvolvimento social eficaz e sustentável e aperfeiçoar as sociedades.

Por quase uma década, a CUFA, a London School of Economics (LSE) e a UNESCO têm trabalhado juntas em uma série de atividades de pesquisa e eventos internacionais que enfatizam a importância de entender e se associar de maneira eficaz com organizações de base das favelas, a fim de transformar comunidades e trajetórias de vida em territórios de exclusão. Uma questão central tem sido como alavancar o conhecimento, as ações e a experiência das comunidades de favelas para influenciar, em âmbito institucional, os formuladores de políticas públicas e políticas de Estado. O pressuposto que orienta esse trabalho é que o reconhecimento da voz e do potencial das pessoas, da cultura e da economia das favelas é central para a luta contra a pobreza e contra as desigualdades, para o desenvolvimento de uma governança inclusiva, processos de tomada de decisões mais justos e eficientes, e um desenvolvimento social, econômico e ambiental sustentável.

Para isso, a CUFA, a LSE e a UNESCO mais uma vez se uniram para sistematizar o amplo trabalho realizado pela CUFA na preparação para o G20 Social. Isso incluiu uma análise da consulta detalhada em mais de 3 mil favelas, comunidades, periferias, regiões ribeirinhas, quilombos e aldeias indígenas, sobre tópicos como desigualdades sociais, sustentabilidade, desafios globais enfrentados pelas favelas e periferias e direitos humanos. Os resultados desse esforço, que só foi possível pela realização de mais de 3 mil conferências espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, e que ficou conhecido como **G20 Favelas**, oferecem percepções sobre as preocupações e experiências expressas pelas vozes das favelas e sobre o potencial do modelo de trabalho desenvolvido pela CUFA para abordar o desenvolvimento socioeconômico. Uma análise adicional foi realizada sobre os objetivos, as atividades e os projetos da CUFA, evidenciados pelo desenvolvimento de seus projetos e pela visão de seus líderes na última década.

Esse trabalho mostra que o capital social do Brasil e sua capacidade de desenvolvimento social bem-sucedido não estão sendo produzidos apenas de cima para baixo por tecnocratas e especialistas, mas estão sendo forjados por múltiplos atores da sociedade civil nas colaborações da esfera pública democrática. Formas inovadoras e não convencionais de associação e ativismo, bem como novas parcerias entre diferentes setores sociais, por vezes há muito tempo opostos, estão produzindo um novo impulso para o desenvolvimento social, que conecta o crescimento econômico, a cidadania e a autoestima recuperada de populações historicamente excluídas.

O G20 Favelas reafirma seu compromisso de abordar as principais prioridades estabelecidas pela Presidência Brasileira do G20 e trabalhar com parceiros relevantes para a criação de ações e políticas que promovam a inclusão social e futuros sustentáveis para todos.

A integração da sociedade civil nas discussões globais: o modelo brasileiro de participação

O G20 Social trouxe uma mudança significativa para a governança global, ao colocar a sociedade civil como ator central nas discussões políticas no âmbito do G20. Pela primeira vez, a Presidência Brasileira do G20 estabeleceu mecanismos formais para o engajamento direto da sociedade civil, criando uma estrutura com o potencial para moldar futuras cúpulas do G20. Esse modelo permite que representantes de comunidades historicamente marginalizadas contribuam para os processos globais de tomada de decisões, ressaltando a importância de perspectivas diversas no enfrentamento de desafios mundiais complexos.

No centro dessa inovação está a iniciativa **G20 Favelas**, uma plataforma desenvolvida pela CUFA para incorporar as vozes das favelas, dos quilombolas, e das comunidades indígenas e ribeirinhas do Brasil. Essas comunidades, que muitas vezes são ignoradas apesar de serem diretamente afetadas por questões como pobreza, fome e vulnerabilidade climática, tiveram uma voz ativa no G20. A iniciativa G20 Favelas destacou o compromisso com uma representação inclusiva, demonstrando que políticas eficazes são fortalecidas pelas perspectivas daqueles que enfrentam esses desafios de forma mais acentuada. A Representação da UNESCO no Brasil tem trabalhado com a CUFA desde sua criação, em 1999, para promover atividades nas áreas de educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, contribuindo para a inclusão social e para o desenvolvimento humano.

Por meio dessa inclusão abrangente da sociedade civil, a Presidência Brasileira demonstrou que um modelo participativo pode fortalecer tanto a eficácia quanto a legitimidade do G20. Diálogos diretos entre representantes da sociedade civil e autoridades-chave — incluindo presidentes de bancos centrais, ministros das Finanças e *sherpas* do G20 — representaram um marco histórico na governança inclusiva, estabelecendo assim um padrão para futuras presidências. Essa plataforma para um novo modo de engajamento mostrou que uma abordagem colaborativa pode trazer percepções valiosas e promover a responsabilização entre os tomadores de decisão.

O modelo de engajamento do G20 Social também reflete a abordagem de formulação de políticas sociais que a UNESCO apoia por meio do seu Programa de Gestão das Transformações Sociais (MOST). Criado com o objetivo de agregar a pesquisa em ciências sociais às políticas de inclusão social, redução da pobreza e desenvolvimento sustentável, o MOST enfatiza a integração de conhecimentos locais e perspectivas comunitárias na formulação e na implementação de políticas.

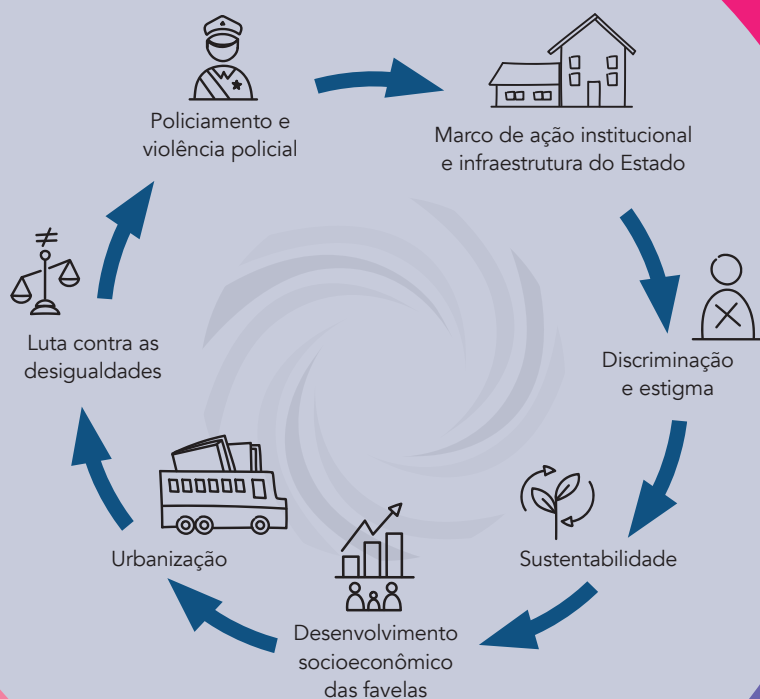
Ao garantir a participação de comunidades tradicionalmente sub-representadas, o G20 Social exemplifica como as políticas podem ser enriquecidas por meio da contribuição direta daqueles indivíduos e grupos afetados. Esse modelo, que ecoa os princípios do MOST, estabelece um precedente para outras cúpulas internacionais, ao demonstrar que a governança inclusiva se beneficia das contribuições práticas e com base em pesquisa das comunidades marginalizadas.

As conquistas do G20 Social destacam a importância de se institucionalizar o engajamento da sociedade civil no G20. Com a Presidência da África do Sul em 2025, a continuidade desse modelo será essencial para garantir que as políticas globais reflitam as necessidades de todos os cidadãos. O G20 Social de 2024 oferece um exemplo fundamental de como a sociedade civil pode enriquecer o trabalho do G20, defendendo um modelo de governança fundamentado em responsabilidade social, econômica e ambiental.

Vozes das Favelas

Entre abril e novembro de 2024, a CUFA, em parceria com a UNESCO, a Frente Nacional Antirracista (FNA) e a Frente Parlamentar em Defesa das Favelas e Respeito à Cidadania de seus Moradores, organizaram as Conferências Internacionais das Favelas em favelas de todos os 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, e em 48 países, a saber: Guiné-Bissau, Angola, França, Inglaterra, Portugal, Alemanha, Luxemburgo, Estados Unidos, Camarões, Moçambique, Suécia, Cazaquistão, Marrocos, República Centro-Africana, México, Serra Leoa, Grécia, Itália, República Democrática do Congo (RDC), Catar, Sudão, Colômbia, Uruguai, Dinamarca, África do Sul, Bélgica, Países Baixos, Congo, Zimbábue, Zâmbia, Togo, Tunísia, Espanha, Suíça, Cabo Verde, Costa do Marfim, Mali, Argentina, Bolívia, Gana, Honduras, Nepal, Paraguai, Peru, Venezuela, Quênia, Uzbequistão e Rússia.

Figura 1.Resumo dos temas principais
(Conferências da CUFA, Vozes das Favelas)



Esses encontros reuniram mais de 10 mil moradores de favelas e periferias, que participaram de discussões coletivas sobre quatro dimensões políticas: redução de desigualdades para a erradicação da fome e o combate à pobreza; sustentabilidade; desafios globais enfrentados pelas favelas e periferias; e direitos humanos, com recortes de gênero e raça. Ao abordar essas questões, as favelas levantaram sete temas relacionados às necessidades mais urgentes de seus habitantes (Figura 1): melhoria das instituições e dos serviços nas favelas; discriminação e estigma; sustentabilidade; desenvolvimento socioeconômico das favelas; urbanização; desigualdade; policiamento e violência policial. Esses temas estão ligados de maneira íntima à experiência cotidiana e aos desafios enfrentados pelos moradores de favelas e periferias, e representam suas preocupações e aspirações.

As conferências foram realizadas em várias fases, desde encontros locais e estaduais até reuniões internacionais. Buscou-se criar com isso uma plataforma de discussão na qual os próprios moradores de favelas, comunidades, periferias, regiões ribeirinhas, quilombos e aldeias indígenas pudessem participar de maneira ativa, apresentando suas demandas e com propostas a serem encaminhadas diretamente aos líderes do G20.

O G20 Favelas surgiu com a intenção de inserir as favelas no contexto global das discussões do G20 e influenciar esse debate de forma propositiva – e se tornou uma inovação na forma de realizar debates internacionais. Ao se debruçar sobre as questões das favelas, o objetivo principal da iniciativa sempre foi dar voz a uma parcela significativa da população mundial, que muitas vezes é excluída dos fóruns de decisão e das políticas públicas. Portanto, o G20 Favelas visa promover uma mudança no olhar para essas comunidades, que devem ser vistas não apenas como locais de pobreza e exclusão, mas como centros vibrantes de inovação social, resistência e potencial transformador.



Em todo o mundo, a escassez e a precariedade da infraestrutura estatal é uma marca central das favelas. A falta de acesso a serviços básicos e a instituições estatais adequadas faz parte da vida cotidiana nas comunidades de favelas, sendo a principal preocupação de seus moradores. Isso é seguido por segurança comunitária, transporte, educação, saúde e acesso às artes e aos esportes. Muitas favelas não têm acesso a escolas ou serviços de saúde dentro de suas comunidades, e os moradores lutam todos os dias para se deslocar para o trabalho e acessar outras partes das cidades. As favelas e as comunidades periféricas identificam a precariedade institucional como uma das principais áreas em que devem ser desenvolvidas políticas públicas voltadas aos direitos humanos e à redução da desigualdade, e pedem aos líderes do G20 que:

- 1) Invistam em políticas públicas que garantam o acesso universal a serviços estatais básicos nas favelas e comunidades periféricas, incluindo transporte público, saúde e educação. As ações podem incluir a melhoria de hospitais e centros de saúde ao nível de outras regiões da cidade, comprometendo empresas privadas de saúde apoiadas por fundos públicos a oferecer serviços nas comunidades das favelas.
- 2) Reconheçam a necessidade urgente de se ter segurança comunitária nos territórios de favelas; ofereçam apoio às vítimas de crimes e da violência; e estabeleçam centros de apoio para essas vítimas, fornecendo-lhes assistência psicológica, social e jurídica.
- 3) Assegurem o transporte dentro das favelas para melhorar o acesso ao trabalho, à educação e ao lazer, bem como o direito de ir e vir na cidade.
- 4) Apoiem a educação dentro da favela, acompanhando os jovens moradores em suas jornadas de decisão e instrução para que permaneçam na escola; e deem foco a programas que visem apoiar a díade mãe-bebê e educar para o desenvolvimento infantil e atenção à primeira infância.



A realidade da discriminação e do estigma é outra grande preocupação dos moradores das favelas, tão importante para essas comunidades quanto a precariedade das instituições e dos serviços dentro desses territórios. As comunidades são expostas a um nível de discriminação e estigma que começa com indicadores socioeconômicos, com a fragilidade dos serviços prestados pelo Estado e com a dificuldade de engajar prestadores privados para trabalharem nas favelas. Continua na experiência cotidiana dos indivíduos que vivem nesses territórios, moldada por representações negativas da favela e da identidade de ser um(a) morador(a) de favela. Ser da favela, morar na favela e transitar pela cidade marcado(a) socialmente pela favela são fatos que criam uma identidade construída pela discriminação e pelo estigma, desafiando o direito dos moradores a uma autointerpretação positiva. O estigma associado às favelas continua sendo um determinante importante da vida nesses territórios, criando interseccionalidades com múltiplas identidades. A posição das mulheres, especialmente a de mães solteiras e mulheres negras, é uma preocupação chave nas experiências de estigma. Trabalhamos para transformar essas lentes negativas e revelar o potencial, a atuação e a resiliência das favelas, enfatizando a importância de se reconstruir a autoestima e a contribuição dessas comunidades para a sociedade. Assim, o G20 Favelas convoca os líderes do G20 a:

- 1) Colaborarem com as favelas e comunidades periféricas em campanhas educacionais que contestem as representações negativas sobre seus moradores e eduquem o público sobre o valor e a importância dessas comunidades para as cidades e para a sociedade como um todo; desenvolvam políticas que impeçam o setor privado de discriminar e excluir os moradores desses territórios de processos de recrutamento e seleção de empregos com base em seu endereço.
- 2) Reconhecerem a importância de se combater a discriminação e a violência contra mulheres, especificamente contra mulheres negras; criem políticas que apoiem mães solteiras e deem suporte por meio da educação, da saúde e da segurança social. A segurança, a educação e o empoderamento das mulheres sustentam a segurança, a educação e o empoderamento de muitos outros indivíduos, da comunidade como um todo e das gerações futuras.
- 3) Enfatizarem que não há lugar para o racismo e para a discriminação de qualquer tipo em suas sociedades, educando-as para os direitos e para a humanidade dos moradores de favelas; e promoverem a solidariedade e a igualdade de oportunidades para os moradores, independentemente de raça, gênero, orientação sexual, capacidade física e religião.
- 4) Educarem sobre os direitos humanos e criarem espaços seguros para pessoas de diferentes orientações sexuais, raças, gêneros, religiões e habilidades se encontrarem, desenvolvendo programas educacionais em escolas e programas de conscientização para as comunidades e para a sociedade em geral.
- 5) Defenderem os direitos das minorias religiosas e as práticas vinculadas às tradições culturais ancestrais das comunidades, como as tradições afro-religiosas no Brasil, promovendo assim o entendimento e o respeito pelas práticas religiosas das minorias.



A mudança climática e a pobreza urbana colidem de múltiplas formas, afetando de maneira desproporcional e injusta as favelas e as comunidades periféricas. Em todo o mundo, mais de um bilhão de residentes de favelas e assentamentos informais suportam desproporcionalmente o peso do aquecimento global, sendo os mais expostos às consequências de padrões de chuva alterados, erosão e aumento da temperatura. A precariedade da infraestrutura urbana nesses territórios agrava ainda mais sua vulnerabilidade. Enchentes e deslizamentos causam danos permanentes aos meios de subsistência e às habitações dessas comunidades. A falta de serviços públicos adequados obriga muitas pessoas a recorrerem a estratégias de sobrevivência insustentáveis, como o corte de árvores e a construção em áreas sujeitas à erosão. São questões centrais para as favelas a coleta seletiva de lixo e a segurança alimentar, especialmente o acesso a alimentos frescos e com valores acessíveis. As comunidades exigem soluções urgentes nessa direção, com investimentos em infraestrutura verde e o compromisso dos governos e líderes com a deliberação participativa para a criação de políticas sustentáveis interligadas à redução das desigualdades. O G20 Favelas pede aos líderes do G20 que:

- 1) Melhorem a infraestrutura de coleta de lixo e reciclagem nas favelas, regiões ribeirinhas e comunidades periféricas, implementando a coleta seletiva em pontos acessíveis às comunidades. As ações podem incluir a criação de programas de incentivo para os moradores que participam da coleta seletiva.
- 2) Criem programas educacionais que enfoquem a conscientização ambiental e o treinamento para ações sustentáveis adequadas à realidade das comunidades; envolvam as comunidades no mapeamento dos problemas e das consequências da mudança climática, em parceria com escolas e organizações locais, para o desenvolvimento de soluções específicas e adaptadas a territórios vulneráveis.
- 3) Desenvolvam políticas para eliminar a insegurança alimentar, enfrentando o desafio dos “desertos alimentares” em que o transporte público deficiente, a pobreza e a falta de lojas que vendam alimentos adequados tornam difícil para as comunidades terem acesso a alimentos frescos, o que se torna um verdadeiro empecilho para que essa população se alimente de forma saudável; disponibilizem recursos para a criação e a alocação de terras para hortas comunitárias, nas quais os moradores possam cultivar vegetais e frutas frescas e desenvolver uma economia circular.
- 4) Construam infraestruturas verdes, como cisternas para a captação de água da chuva, painéis solares e saneamento ecológico; apoiem programas de reciclagem comunitária e a formação de cooperativas dedicadas à reutilização e à reciclagem de resíduos, monetizando materiais descartados e assim fortalecendo a economia da favela.



A precariedade dos serviços e das instituições, combinada com a discriminação e com o estigma enfrentados pelas comunidades de favelas, ocasiona a falta de oportunidades e um ambiente desfavorável para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico. As comunidades das favelas têm plena consciência da presença do “Estado mínimo” em suas vidas cotidianas e demonstram maior conscientização sobre a importância de se criar estruturas e capacidades que possam gerar desenvolvimento socioeconômico em seus territórios. Treinamento profissional e educação, empregabilidade, fortalecimento da economia da favela e aproveitamento de seu poder interno são as principais preocupações de seus moradores, com ênfase em questões como a reintegração de ex-presidiários na sociedade e o desenvolvimento de oportunidades econômicas com base nos recursos e nas capacidades dos próprios moradores. A CUFA e sua ramificação, a Favela Holding, têm trabalhado para criar motores de desenvolvimento socioeconômico para as favelas, sendo exemplos a serem seguidos. O G20 Favelas pede aos líderes do G20 que:

- 1) Garantam investimentos em capacitação e treinamento profissional para os jovens das favelas; criem programas para o desenvolvimento profissional de mães solteiras, que representam a maioria dos principais provedores e chefes de família nas comunidades; invistam na capacitação de empreendedores sociais nas favelas, com ênfase em atividades que promovam o orgulho e a autoestima nesses territórios.
- 2) Invistam em programas de treinamento que desenvolvam habilidades de empregabilidade para os moradores; e incentivem empresas que criem empregos e invistam no desenvolvimento socioeconômico das favelas. Essas ações podem incluir incentivos fiscais para empresas que apoiam e empregam residentes das favelas e investem no desenvolvimento de negócios locais.
- 3) Criem projetos para incentivar o turismo comunitário, com foco no desenvolvimento sustentável, nas economias criativas e no empoderamento da comunidade.
- 4) Apoiem o desenvolvimento da economia local, criando programas que explorem a economia das comunidades das favelas, para que desenvolvam habilidades de empreendedorismo e reintegrem ex-presidiários ao mercado de trabalho.



As favelas e os assentamentos informais são resultado do crescimento urbano e fazem parte da realidade das cidades no mundo em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, muitas de suas características socioeconômicas e culturais podem ser encontradas em regiões periféricas de cidades ao redor do mundo, que contêm áreas de pobreza e exclusão social. Para as favelas, a urbanização continua sendo um grande problema, com a maioria das comunidades enfrentando a falta de saneamento adequado, iluminação, pavimentação e ausência de espaços de lazer, como parques. Habitações irregulares são comuns e uma grande preocupação para seus moradores. Essas questões se sobrepõem de maneira significativa à mudança climática e à insegurança ambiental nos territórios de favelas, cujos moradores estão cientes dos perigos de enchentes, deslizamentos de terra e grandes incêndios. A urbanização das comunidades caminha de mãos dadas com a construção de infraestruturas e com o desenvolvimento da estrutura institucional do Estado dentro das favelas. Embora estas sejam caracterizadas pela precariedade de seu habitat, elas são muito mais do que isso. São também espaços de intensa inovação cultural e econômica, nos quais os indivíduos criam suas próprias soluções para os múltiplos problemas que enfrentam. Dessa forma, a CUFA busca enfatizar as soluções criativas desenvolvidas pelas comunidades das favelas; reconhece que as favelas não desaparecerão no futuro próximo e acredita que a formulação de políticas para melhorar seu habitat deve ser realizada em parceria com as comunidades locais e de modo a aprender com as soluções criadas pelos próprios moradores. Nesse contexto, o G20 Favelas pede aos líderes do G20 que:

- 1) Criem parcerias público-privadas, nacionais e internacionais, que aproveitem uma base mais ampla de conhecimento e de políticas para melhorar o acesso equitativo à água potável e ao saneamento em favelas e comunidades periféricas.
- 2) Garantam a regularização da propriedade nas favelas, assim como o direito dos moradores às terras e casas que construíram e habitam.
- 3) Invistam na infraestrutura urbana das favelas, especialmente iluminação, pavimentação, eletricidade, sistemas de esgoto e áreas de convivência e lazer. A ausência dessa infraestrutura é um fator que agrava as consequências da mudança climática, como enchentes, deslizamentos de terra e incêndios.
- 4) Comprometam institutos de pesquisa nacionais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) brasileiro, a firmarem parcerias com as comunidades para mapear a realidade desses territórios, a fim de obter evidências sólidas e fundamentadas para orientar o desenvolvimento de políticas de urbanização.



A luta contra a desigualdade continua sendo uma preocupação central das favelas e das comunidades periféricas. A desigualdade é vivenciada, antes de tudo, como pobreza e pela necessidade de se ter acesso à renda básica e à alimentação. Tanto a renda básica quanto o combate à fome ilustram bem as prioridades estabelecidas por essas comunidades em relação às desigualdades. Tais prioridades são expressas em relação à importância da democracia participativa no enfrentamento das desigualdades. Existe uma conscientização sobre a necessidade dessa participação e uma ênfase na centralidade de se considerar as vozes das favelas ao elaborar políticas e soluções para as múltiplas consequências da desigualdade na vidas de seus habitantes. Essa discussão é também marcada pela necessidade de ações afirmativas, direitos trabalhistas, uma rede de segurança social e acesso às artes, todos elementos vistos como partes essenciais da luta contra a desigualdade. O G20 Favelas pede aos líderes do G20 que:

- 1) Reconheçam a importância de uma renda básica e da luta contra a fome nas favelas e periferias, apoiando assim os fluxos de renda e entrada de recursos nesses territórios por meio de programas que garantam suporte e transferências de renda emergenciais, especialmente para aquelas pessoas em condição de extrema pobreza.
- 2) Facilitem a participação das comunidades e de seus representantes nos processos de tomada de decisão relacionados à formulação de políticas voltadas para suas comunidades; e desenvolvam protocolos de consulta que incorporem as vozes das favelas e periferias nos debates sobre questões que afetam essas comunidades.
- 3) Defendam a implementação de cotas que permitam a presença e a participação de moradores de favelas em espaços dos quais foram historicamente excluídos, como universidades, serviço público e locais de poder e tomada de decisões.
- 4) Reconheçam o trabalho não convencional realizado pelos moradores de favelas e garantam direitos para aqueles que se sustentam como trabalhadores informais e empreendedores; mapeiem as vulnerabilidades sociais e identifiquem aqueles indivíduos que não se beneficiam da segurança social nas comunidades.
- 5) Invistam no trabalho cultural das favelas e garantam o acesso a espaços de arte e esporte.



O policiamento e a violência policial constituem um dos principais temas levantados pelas comunidades das favelas. Experiências de violência, discriminação e falta de confiança na polícia são recorrentes nessas áreas. A exposição à violência e ao crime é uma experiência frequente na vida de seus moradores; faz parte do seu cotidiano e pertence ao conhecimento implícito que eles têm sobre suas comunidades. A maioria dos residentes desses territórios já foi diretamente afetada pela violência policial e manifesta a importância de se reformar a polícia por meio da introdução de novos marcos legais para o policiamento e, mais relevante ainda, treinar as forças policiais e modificar atitudes e percepções negativas que estas têm sobre aqueles. O G20 Favelas pede aos líderes do G20 que:

- 1) Desenvolvam programas de policiamento comunitário com investimentos no treinamento de policiais comunitários, incluindo o conhecimento sobre direitos humanos, diversidade humana e as necessidades dos diferentes grupos, além da mediação de conflitos.
- 2) Formem e treinem todas as forças policiais que atuam nas favelas em direitos humanos e nas consequências da prática do racismo no policiamento.
- 3) Acabem com as políticas de hiperencarceramento, desenvolvendo outras que identifiquem formas alternativas de punição.

CUFA e seu modelo de desenvolvimento socioeconômico

A CUFA é uma organização híbrida, caracterizada por uma identidade complexa: combina elementos de organização não governamental (ONG), negócios e empreendedorismo, movimento social e ativismo, assistência social e desenvolvimento de ações afirmativas. Surgiu das comunidades periféricas, das favelas e da cultura de rua, mas se expandiu muito além dos limites desses territórios para alcançar múltiplos parceiros em espaços regionais, nacionais e globais. A organização é abertamente política, mas não teme se envolver com dinheiro e com mercados para garantir sua independência financeira e reinvestir os ganhos econômicos no desenvolvimento socioeconômico das favelas. A CUFA depende de uma poderosa combinação de líderes carismáticos com uma filosofia organizacional de autonomia e descentralização. Seus ativistas e líderes nasceram, cresceram e continuam a ter uma relação direta com a experiência da favela, seu território, suas regras, sua cultura, suas necessidades e seu povo. Desde seus primeiros dias até os dias atuais, a CUFA expandiu tanto seu alcance quanto seus objetivos, mas manteve uma conexão firme e profunda com o local onde se originou.

Expansão e crescimento: regional, nacional, global

Desde suas origens regionais na cidade do Rio de Janeiro, a CUFA agora está presente em todas as regiões do Brasil. Sua expansão internacional tem sido constante e bem-sucedida: atualmente estamos presentes em 49 países ao redor do mundo. A CUFA se expandiu com a consciência de que a desigualdade e a exclusão social são problemas mundiais que representam desafios específicos para cerca de um bilhão de pessoas em todo o mundo. Essa enorme comunidade de moradores de favelas e atores historicamente excluídos está exposta a condições socioeconômicas que criam experiências semelhantes que transcendem regiões e fronteiras. Essas semelhanças exigem soluções que somente podem ser eficazes com a coordenação e a participação daquelas pessoas e grupos diretamente afetados. A CUFA é movida pela crença de que essas experiências compartilhadas possibilitam que seu modelo funcione em qualquer lugar e, da mesma forma, explicam sua eficácia. Os sotaques da exclusão podem variar de lugar para lugar, mas existe uma cultura e uma ética que sustentam a vida dos moradores de favelas em todos os

lugares, e é isso que permite que o modelo de desenvolvimento social da CUFA seja replicado em âmbito global e adaptado com sucesso às diferentes condições locais.

Autonomia e descentralização

O modelo de crescimento e gestão organizacional da CUFA é único e inovador. Na última década, evoluiu como um método que combina descentralização e autonomia como motores de sua expansão. Uma visão federalista orienta seu crescimento, de modo a conceder total autonomia aos líderes locais para organizar e executar o modelo da melhor forma que encontrarem em âmbito local, enquanto mantêm os resultados e as recompensas do que fazem. Este é um princípio orientador importante da CUFA: os colaboradores detêm as recompensas do trabalho que realizam em nome da instituição. O resultado é um entendimento claro de que as pessoas não estão apenas trabalhando para a CUFA, mas para si mesmas, para suas famílias e para o benefício de suas comunidades – um processo que cria participantes altamente motivados, com um profundo senso de responsabilidade e pertencimento.

O modelo da CUFA oferece múltiplas lições para o desenvolvimento e para a expansão organizacional eficaz. Um senso de pertencimento e incentivos claros, combinados com a grande demanda dos territórios, fazem com que cada pessoa que trabalha com a CUFA seja um participante comprometido com seu crescimento e com seu desenvolvimento. O modelo promove a autonomia local ao mesmo tempo em que garante uma rede de ações coordenadas que podem alavancar uma agenda nacional e uma agenda global comuns, mas que permanecem conectadas às realidades locais e à integração das comunidades de favelas. Isso garante fluxos de comunicação eficazes dentro da própria CUFA, de modo que ideias e projetos concebidos de forma centralizada sejam adaptados localmente e tenham a adesão efetiva das comunidades, um desafio para todas as intervenções de desenvolvimento social. O resultado de tudo isso é uma estrutura de incentivos pronta para expandir e uma organização extremamente resiliente.

Favela Holding: sustentabilidade e empreendedorismo

Talvez um dos aspectos mais inovadores da expansão e do desenvolvimento geral da CUFA seja a criação de sua subsidiária, a Favela Holding, uma expressão tanto do potencial econômico que existe dentro das favelas quanto de como a CUFA ousa quebrar os tabus de dinheiro, mercados e negócios dentro dos movimentos sociais para criar sustentabilidade, independência e oportunidades econômicas

nos territórios das favelas. A Favela Holding surgiu em 2016 como uma sociedade (*holding*) que atua como fonte de financiamento para as atividades da CUFA e como um negócio que busca aproveitar o potencial econômico das favelas, tanto dentro quanto fora de seus limites. Guiada pela firme crença de que as favelas não podem ser definidas apenas pela carência, mas devem ser vistas como lugares de grande potencial (“*favela não é carência, favela é potência*”), a CUFA identificou rapidamente múltiplos nichos para desenvolver a economia da favela e, mais importante, formas de manter os lucros dessa economia dentro da comunidade. Isso envolve, por um lado, permitir que empresas externas atuem nas favelas como parceiras da Favela Holding, compartilhando a linguagem, os códigos e as habilidades necessárias para entrar nos ambientes das favelas e, assim, manter os lucros desse compartilhamento de saberes dentro das próprias comunidades. Por outro lado, os negócios e as parcerias criadas oferecem empregos e oportunidades para os moradores das favelas, de forma a impulsionar o desenvolvimento socioeconômico e contornar muitas das dificuldades que aqueles enfrentam ao buscar emprego.

A capacidade da CUFA de quebrar tabus de longa data relacionados a pobreza e geração de renda desconstrói preconceitos estabelecidos sobre as pessoas pobres e cria um ciclo de esperança e desenvolvimento para aquelas que se encontram excluídas da economia devido ao estigma e à marginalização. A Favela Holding oferece empregos, habilidades, treinamento, oportunidades e um meio de vida, dessa forma aumentando a autoestima e transformando identidades. Como uma organização de favelas autossustentável que valoriza o empreendedorismo, a *holding* cria novas vias de empregabilidade e compete de maneira significativa com as rotas ilegais de socialização presentes nos territórios das favelas. Com isso, demonstra o poder do desenvolvimento econômico orientado por uma lógica comunitária e constitui uma importante lição para experiências de desenvolvimento social em todo o mundo.

Foco na favela: economia, cultura e desenvolvimento social

O foco no território da favela é uma característica-chave da CUFA. A organização entende como as múltiplas interseccionalidades de identidades presentes nesse território podem ser um fator que agrava as experiências de discriminação e exclusão, mas seu foco é na favela como um todo: sua cultura, sua economia, seu desenvolvimento e sua psicologia. Ser da favela, viver em uma favela, experimentar a marginalização associada a esse território em suas configurações materiais e simbólicas – tudo isso cria a experiência que a CUFA pretende abordar. Ela faz isso mantendo vínculos orgânicos com esses territórios por meio de um profundo

entendimento de seus códigos e de sua cultura cotidiana. Ao contrário de muitos modelos tradicionais de desenvolvimento social, nos quais agentes externos propõem e lideram a execução de projetos, ou até mesmo modelos participativos em que as comunidades locais são incluídas na tomada de decisão de processos iniciados por aqueles agentes, a CUFA não foi construída por pessoas de fora das comunidades. Seu foco na cultura da favela tem como base um conhecimento profundo da experiência vivida por seu povo e que é refletido nas histórias de vida de seus líderes e ativistas. A profunda correspondência entre as experiências vividas da comunidade e a CUFA explica a eficácia desse foco: ele oferece esperança e modelos positivos de identificação, criando histórias que misturam as linguagens de exclusão, pobreza, perda e transgressão com histórias de resiliência, resistência, superação de fracassos, reintegração e, por fim, sucesso.

Isso cria as condições para se projetar a cultura da favela como potência e, assim, “tornar o invisível visível”, um lema-chave da CUFA. Seu foco na favela e em seu desenvolvimento geral subverte representações negativas dessas comunidades e introduz protagonistas preparados para inverter tais representações, mostrando que, apesar da exclusão social, existe uma cultura vibrante e uma inteligência coletiva orgulhosa e poderosa vivendo nas margens da cidade.

Projetos: ações afirmativas, sustentabilidade, desenvolvimento individual e comunitário

Evidências do desenvolvimento dos projetos da CUFA na última década mostram tanto continuidades quanto mudanças. A CUFA surgiu da cultura *hip hop* e de projetos com foco no desenvolvimento de habilidades e da empregabilidade, na estruturação da vida cotidiana e no apoio psicossocial, especialmente para jovens que tinham acesso limitado à educação e a atividades positivas. Ela forneceu contextos de cuidado e apoio, em que a atenção aos indivíduos estava articulada ao desenvolvimento comunitário. Muito de seu trabalho evoluiu em ações que ofereciam as estruturas de apoio geralmente proporcionadas por famílias e escolas, mas que estão ausentes ou são precárias para muitos que vivem nas favelas. Muitos moradores usam metáforas como “pai” e “mãe” para falar sobre a CUFA e suas ações, o que demonstra sua importância em ajudar os indivíduos, “dar uma mãozinha” e tirar as pessoas das rotas de criminalização.

Na última década, essas ações iniciais com foco em artes, competências e habilidades para crianças e jovens evoluíram gradualmente para populações e escopos mais amplos, mirando a comunidade, a sociedade em geral e a arena global. Embora a

conscientização, a autoexpressão e o desenvolvimento de habilidades continuem a desempenhar um importante papel, o empreendedorismo e as ações afirmativas mais amplas de assistência estão crescendo. Atualmente, muitas das ações da CUFA assumem o papel do Estado, graças às capacidades da Favela Holding e à sua penetração nacional e internacional, que oferecem empregos e oportunidades para os moradores das favelas e periferias. Um exemplo disso é a Expo Favela, uma série de conferências de negócios que colocam empreendedores de favelas em contato com potenciais investidores e fornecem às *startups* dessas comunidades novas possibilidades de desenvolvimento.

Apesar dessas mudanças, a percepção e a visão centrais da CUFA permanecem: desenvolver ações que forjem e prevejam um futuro diferente e positivo para as favelas, abrindo horizontes, recuperando a autoestima e possibilitando cruzamentos entre as favelas e a esfera pública mais ampla das cidades. Logo, a CUFA não perdeu de vista a relação delicada que existe entre indivíduos e suas comunidades, tampouco alterou o equilíbrio entre cuidar dos indivíduos e promover o desenvolvimento comunitário. Uma lição central dos projetos da CUFA ao longo de sua história é mostrar que, ao cuidar e incentivar vidas de indivíduos, ela também promove as comunidades, pois aqueles e estas devem prosperar mutuamente, e quando os indivíduos não estão bem, as comunidades também não estão.

Resposta a emergências e crises: pandemia e mudança climática

A CUFA evoluiu como uma organização capaz de responder a emergências complexas, como a pandemia de COVID-19 e desastres naturais relacionados à mudança climática. Suas raízes profundas nos territórios das favelas e sua capacidade de engajar as redes locais foram fundamentais para levar apoio e alívio a pessoas em todo o país, efetivamente captando cerca de R\$ 1 bilhão em fundos, doações e materiais para as pessoas mais afetadas pela pandemia e pelos desastres climáticos. Sua *expertise*, seu profissionalismo e sua eficácia foram observados de perto pelo setor privado e pelo governo brasileiros, o que demonstra que seu conhecimento territorial é um ativo tanto para o desenvolvimento social e econômico quanto para a implementação de políticas públicas e serviços durante emergências. Isso é evidente nos projetos e ações implementados pela CUFA durante a pandemia e nas enchentes dos últimos anos no Brasil. Essas ações não apenas apoiaram milhões de pessoas dentro e fora das favelas, mas também contribuíram para promover diferentes percepções sobre as comunidades de favelas e suas organizações, demonstrando a contribuição geral que elas podem realizar para a sociedade como um todo.

Conclusões: A favela no centro do debate global

Ao desenvolver as Conferências Internacionais das Favelas como um passo preparatório para o G20, a CUFA demonstrou na prática o seu modelo de trabalho, ao colaborar com parceiros para criar o G20 Favelas e produzir a sistematização aqui relatada. O G20 Favelas buscou identificar a realidade das comunidades de favelas como é expressa pelas vozes e pelas experiências cotidianas de seus próprios moradores. Ao fazer isso, a iniciativa foi guiada pela crença de que, apesar da precariedade de seu habitat e de sua infraestrutura básica, as favelas são espaços de potência, soluções, adaptação e vibração cultural.

Esperamos que essas vozes inspirem os países do G20 em seus processos de tomada de decisões. O G20 Favelas está comprometido em trabalhar com todos os parceiros e líderes do G20 para contestar as representações negativas que ainda estão ligadas ao território das favelas e alavancar o potencial de seus habitantes, garantindo assim que eles tenham os recursos, as capacidades e o apoio necessários para realizar plenamente esse potencial.

Equipe de Pesquisa

Sandra Jovchelovitch (London School of Economics and Political Science, UK)
Diretora de Pesquisa

Jacqueline Priego-Hernandez (University of Portsmouth, UK) Co-Diretora de Pesquisa

Guilherme Ferracioli-Muezerie (London School of Economics and Political Science, UK)
Assistente de Pesquisa

CUFA

Celso Athayde
Fundador da CUFA e CEO da Favela Holding

Marilza Pereira Athayde
Fundadora da CUFA

Celso Athayde Jr.
Diretor da CUFA Global

Thales Pereira Athayde
Sócio-Diretor da Favela Holding

Marcus Vinícius Linhares Athayde
Presidente da CUFA Global e Diretor do G20 Favelas

Gabriel Alex Pinto de Oliveira
Coordenador Geral do G20 Favelas

Leticia Gabriella da Cruz Silva
Coordenadora Geral do G20 Favelas

Leonardo Pereira Ribeiro
Sócio-Diretor da Favela Holding

Wellington Galdino
Diretor da CUFA Brasil

Preto Zezé
Presidente da CUFA RJ

Elaine Caccavo
Vice-presidente da CUFA RJ

Nega Gizza
Diretora de conteúdo da CUFA RJ

Ana Barberino
Coordenadora de mídia do G20 Favelas

Rafaella Soares
Coordenadora de conteúdo do G20 Favelas

Rodrigo Kenan
Diretor de criação do G20 Favelas

Lucas Feffer
Design de mídia do G20 Favelas

Rafael Silvestre
Design de criação do G20 Favelas

Carol Marciale
Diretora de comunicação da CUFA Brasil

Samyra Cunha
Coordenadora de comunicação do G20 Favelas

Juan Silva
Coordenador de mídia do G20 Favelas

Fátima Pires
Coordenadora de conteúdo da CUFA Brasil

UNESCO

Marlova Noletto
Diretora e Representante da UNESCO no Brasil

Fábio Soares Eon
Coordenador dos Setores de Ciências Naturais e de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil

Beatriz Maria Godinho Barros Coelho
Chefe de Gabinete e Oficial de Projeto em Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil

Rodrigo Lima
Oficial de Ligação da UNESCO para o G20

Publicado em 2024 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 7, place de Fontenoy, 75007 Paris 07 SP, França, e pela Representação da UNESCO no Brasil, SAUS Qd. 5 – Bloco H – Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO – 9. andar, Brasília – DF – 70070-912, Brasil, em parceria com a Central Única das Favelas Global (CUFA Global) – Frente Parlamentar em Defesa das Favelas e Respeito à Cidadania dos seus Moradores (FNA) e a London School of Economics and Political Science (LSE).

© UNESCO



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Attribution-ShareAlike 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre (<https://www.unesco.org/pt/open-access/cc-sa>).

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica, nome ou soberania de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e as opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.



G20 FAVELAS



FRENTE PARLAMENTAR EM DEFESA DAS FAVELAS
E RESPEITO À CIDADANIA DOS SEUS MORADORES



THE LONDON SCHOOL
OF ECONOMICS AND
POLITICAL SCIENCE ■



unesco